

PERCEPÇÕES LINGUÍSTICAS ACERCA DA DESNASALIZAÇÃO DE DITONGOS NASAIS ÁTONOS FINAIS NA FALA GOIANA

LINGUISTIC PERCEPTIONS REGARDING THE DENASALIZATION OF FINAL UNSTRESSED NASAL DIPHTHONGS IN GOIÁS SPEECH

Caroline Pereira¹
Marília Silva Vieira Pereira²

RESUMO: Este artigo apresenta os resultados de um estudo sobre avaliações e percepções sociolinguísticas com estudantes de cursos de licenciatura em Letras e Geografia de uma universidade pública de Goiás. O fenômeno investigado é a desnasalização de ditongos nasais átonos finais, como em *ontem ~ onti* e a premissa de partida é a de que estudantes de licenciatura em Letras teriam uma percepção mais positiva a respeito da variante desnasalizada (*ontti*) do que os alunos de Geografia. Para isso, foi realizada uma pesquisa, de forma remota, com 12 jovens universitários, com base na técnica *matched guise*, de Lambert et al. (1960), adaptada para a plataforma digital *Google Forms*, com categorias sociais pré-definidas, associadas a julgamentos de *verdadeiro* ou *falso*. Os resultados revelam que, embora a avaliação de ambos os grupos acerca das variantes não se distancie muito, os estímulos com a fala desnasalizada foram avaliados, consideravelmente, de forma mais desfavorável, por alunos da Geografia. Apesar de estar fundamentada em uma amostra reduzida, a pesquisa busca contribuir para uma compreensão do processo de percepção e variação linguística do fenômeno estudado no Português Brasileiro.

PALAVRAS-CHAVE: Crenças. Atitudes. Desnasalização.

ABSTRACT: This paper presents the results of a study on sociolinguistic evaluations and perceptions among undergraduate students in Language and Geography courses at a public university in Goiás, Brazil. The investigated phenomenon is the desnasalization of final unstressed nasal diphthongs, such as in "ontem ~ onti", and the premise of this research is that Language students would have a more positive perception of the desnasalized variant than Geography students. For this purpose, a remote survey was conducted with 12 young university students using the matched guise technique of Lambert et al. (1960), adapted to the Google Forms digital platform. In addition, pre-defined social categories were associated with true or false evaluations. The results revealed that, although the evaluation of both groups regarding the variants did not differ much, the stimuli with desnasalized speech were considerably more unfavorably evaluated by Geography students. Despite the small sample size, this research aims to contribute to an understanding of the process of perception and linguistic variation of the studied phenomenon in Brazilian Portuguese.

KEYWORDS: Beliefs. Attitudes. Desnasalization.

¹ Graduada em Letras pela Universidade Estadual de Goiás, Campus Cora Coralina.

² Doutora em Letras (2016) pela Universidade de São Paulo (USP), mestre em Estudos de Linguagens (2011) e licenciada em Letras Português/Espanhol (2009) pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS).

INTRODUÇÃO

Toda língua é caracterizada por variação e mudança, que podem ser entendidas em diferentes níveis de análise, em dimensões como a histórica e a regional. A corrente de estudos conhecida como Sociolinguística é, então, “uma área que estuda a língua em seu uso real, levando em consideração as relações entre a estrutura linguística e os aspectos sociais e culturais da produção linguística” (Cezario; Votre, 2011, p. 141).

Para o principal pioneiro da teoria da variação linguística, Labov (1972), a língua não é só um conjunto estruturado de normas, existe uma relação entre língua e sociedade, sendo necessário investigar o contexto social e os elementos da estrutura linguística implicados na variação, logo, não se pode conceber uma linguística que não seja social. Tarallo (1997) interpreta a teoria da variação linguística como um modelo de heterogeneidade sistematizada, de modo que as variantes se caracterizam como padrão, não padrão, conservadoras, inovadoras de prestígio e estigmatizadas.

Nesse sentido, a partir de observações na variação fonético-fonológica, Bagno (2005) postula que, quando um falante não segue a norma padrão do Português, há quem considere errado esse modo de falar. Nesse sentido, um fenômeno que tem se mostrado bastante

produtivo, inclusive na fala culta, é a desnasalização de ditongos nasais átonos finais em substantivos. Logo, questiona-se como o ouvinte avalia alguém que pronuncia ‘homi’, desnasalizado, em vez de ‘homem’. Esse mesmo fenômeno ocorre em ‘onti’ (ontem), ‘viagi’ (viagem) e ‘garagi’ (garagem), bem como em vários outros substantivos.

Para Bagno (2005), a desnasalização das vogais postônicas é um padrão interno da língua portuguesa, que segue tendências do sistema. A premissa de partida desta pesquisa é a de que, ao pronunciar ‘reportagi’, em vez de *reportagem*, um falante pode ser rotulado como menos culto. Por outro lado, é possível que a desnasalização seja uma norma implementada e que os falantes nem sequer tenham alguma percepção acerca de tal fenômeno. Assim, aventamos a hipótese de que estudantes de Licenciatura em Letras apresentariam uma percepção mais positiva em relação à fala, pelo fato de terem tido contato com uma perspectiva científica acerca da língua em uso, a Linguística, o que contribui para que tenham uma concepção menos dogmática; por sua vez, os estudantes de Geografia revelariam atitudes menos positivas, visto que não foram apresentados, ao longo de sua formação acadêmica, a quaisquer abordagens teóricas sobre a língua em uso.

Decorrente disso, buscamos entender quais atitudes linguísticas e avaliações subjetivas podemos observar nesse contexto.

Os questionamentos acerca da reação dos falantes a determinada variante linguística podem ser encaixados nos pressupostos da Terceira Onda da Sociolinguística. De acordo com Eckert (2012), há três ondas complementares da Sociolinguística: a primeira onda estuda a variação com objetivo de relacionar amostra da comunidade de fala organizada a categorias sociais, como classe social, idade, sexo, escolaridade, etnia; a segunda onda estuda os aspectos sociais a partir do indivíduo, de maneira mais aprofundada, buscando mecanismos sociais favoráveis à mudança linguística, com um olhar etnográfico. Em suma, a terceira onda, a qual esse trabalho se filia, busca definir para a variação como uma prática linguística em contexto social e observar como é a percepção dos ouvintes nesse cenário.

Fundamentamo-nos em Cardoso (2015) e Sene (2019) e Fernández (1998), que discutem, em seus trabalhos, percepções sociolinguísticas, avaliações subjetivas e atitudes, observando o funcionamento da língua em contextos reais de uso, a fim de compreender como a língua está ligada ao espaço social e como é a percepção dos ouvintes. Esse arcabouço teórico permitirá investigar quais são as

diferenças entre alunos de Letras e Geografia, de uma universidade pública de Goiás, no que diz respeito às variantes investigadas.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Devemos ponderar que estudos sobre nasalização e desnasalização, relacionados a crenças e atitudes linguísticas, não são recentes no âmbito da sociolinguística. Labov (2008) ressaltou a importância dessa perspectiva de análise em sua pesquisa sobre a mudança fonética no inglês falado na ilha de Martha's Vineyard. O autor investigou a pronúncia do ditongo /ay/ em palavras *right*, *white*, *pride*, *wine* e do ditongo /aw/ *house* e *out*, levando em consideração grupos sociais e atitudes dos falantes, as quais ele classifica como positivas, neutras e negativas.

Os estudos sobre atitudes linguísticas são essenciais para esta pesquisa, uma vez que pretendemos investigar a redução da nasalização no Português Brasileiro (PB), tal como em *reportagi* desnasalizado, em vez de *reportagem*, forma nasalizada. Para isso, nos atentamos para alguns dos principais estudos sobre nasalização e desnasalização no PB, como o de Battisti (2002), que aborda a desnasalização em nomes terminados em *-gem* e como tais palavras

apresentam tendência a essa redução fonética.

Ademais, consideramos o trabalho de Bona e Schwindt (2017), que observa a desnasalização do ditongo final átono [ẽ̃] (ex.: *homem* ~ *homi*; *ontem* ~ *onti*) e também nos nomes terminados em *-gem*, cujos resultados convergem com os de Battisti, uma vez que ambos revelam que substantivos terminados com o sufixo *-gem* são mais favoráveis à desnasalização do que as formas verbais. Desse modo, constatam que as formas nominais apresentam maior número de ocorrências da forma inovadora e que, dentre elas, os vocábulos com maior frequência foram *ontem* e *reportagem*. Outra observação é que, no estudo “coincide que *-gem*, independentemente do lugar que o ocupa na palavra, faz parte da raiz ou como sufixo é propensa à redução da nasalidade” (Bona; Schwindt, 2017 p. 360).

Corroboram os estudos acima, os resultados da pesquisadora Bopp da Silva (2005) que também atesta que existem fatores favorecedores da desnasalização, e menciona que nomes com sufixo *-gem* (reciclagem), com *-gem* na raiz (origem), apresentam maior tendência de queda de nasalidade.

Para compreender as reações dos estudantes de Letras e Geografia ao fenômeno da desnasalização em ditongos nasais átonos finais, precisamos recorrer

aos estudos sobre crenças e atitudes linguísticas, com vistas a ampliar a discussão acerca do fenômeno de desnasalização na fala, uma vez que, desse modo, poderemos compreender sobre elementos como mudança linguística, questões de prestígio e a comunidade de fala. Moreno Fernández (1998) pontua que as atitudes têm um papel decisivo nos processos de variação e mudança linguística que se produzem nas comunidades de fala, pois, quando há uma atitude positiva ou negativa diante do fenômeno, há maior probabilidade de que mudança linguística seja implementada na língua. Caso contrário, certamente, será um empecilho para que a mudança se efetive.

Lambert et al. (1960) desenvolveram a técnica dos falsos pares, denominada *matched guise*. Em sua pesquisa sobre atitudes e sua influência sobre o comportamento linguístico desenvolveram uma metodologia dos falsos pares, o qual utilizou de trechos de gravações em inglês e francês, logo depois apresentou para um grupo de pessoas como jurados. Para obter seus resultados, usou o método da escala likert, de modo que os jurados classificaram seu ponto de vista sobre as falas apresentadas com base em características como *beleza*, *senso de humor*, *inteligência* e *confiança* para obter resultados. Essa técnica tornou-se, então,

fundamental para os futuros estudos na investigação de variedades linguísticas, com grande impacto na avaliação social e percepção linguística.

Logo, sob essa ótica, poderemos investigar a desnasalização no PB, tendo como ponto de partida ocorrências de ditongos finais nasais átonos finais. Para Moreno Fernández (1998, p. 179,) “a atitude linguística é uma manifestação da atitude social dos indivíduos, distinguida por centrar-se e referir-se especificamente tanto à língua como ao uso que dela se faz em sociedade [...]”. Portanto, o sujeito que pertence a uma determinada comunidade pode ter atitudes movidas pelas crenças inseridas na sociedade, podendo manifestar atitudes favoráveis ou desfavoráveis, de prestígio ou preconceito.

Em seu estudo, Cardoso (2015) visa identificar atitudes inconscientes dos sujeitos na prática linguística, com foco na função social da língua. Para isso, ela observa as atitudes e julgamentos que afetam a constituição da identidade pelo discurso. Dessa forma, o sujeito emite um julgamento social sobre o que está ouvindo e o associa valores de como um modo de falar é visto, como “desagradável”, “feio” e “importante”, por exemplo. Constatou que “algumas pessoas têm uma atitude mais normativa, mais purista e outras, uma

atitude mais tolerante em relação à língua” (Cardoso, 2015, p.10).

Freitag (2016) investigou a avaliação social, por meio da correlação entre a crença, a atitude e o comportamento, na variável “nós” e “a gente” na primeira pessoa do plural no português do brasileiro. Dessa maneira, foram discutidas várias estratégias para medir a avaliação social do fenômeno, revelando que o ouvinte, inconscientemente, correlaciona fatores sociais a traços sociolinguísticos. No entanto, observou-se que as crenças e atitudes linguísticas dos informantes não correspondem a seu comportamento linguístico, visto que, quatro dos informantes selecionados afirmaram que costumam usar o pronome “nós”, pois, julgam o uso de “a gente” como feio e errado, no entanto, em todas as amostras analisadas no estudo, todas as realizações da primeira pessoa do plural foram com a forma “a gente”.

Logo, a autora sugere que na perspectiva da avaliação social, “a variação na primeira pessoa do plural é um fenômeno do tipo marcador, razoavelmente sensível à avaliação social, o que impõe matizes de estratificação social e estilística” (Freitag, 2016, p. 12). Dessa forma, ao analisar os julgamentos linguísticos a pesquisa exemplifica o posicionamento desses informantes, aventando que suas crenças a

respeito do domínio da primeira pessoa do plural dependem do contexto que variável está inserida, uma vez que a forma “a gente” só pode ser usada em contextos menos informais, por se tratar de uma forma mais “estranha”.

Um levantamento das atitudes ou normas subjetivas dos falantes é importante para observar como eles avaliam sua própria prática linguística e o que pensam sobre formas padrão e não padrão. Logo, é fundamental investigarmos as atitudes e valores acerca dos fenômenos linguísticos para o entendimento e o levantamento de fenômenos da norma culta do PB.

MATERIAL E MÉTODO

O *corpus* deste trabalho, constituiu-se de dados obtidos por meio de formulários preenchidos por 12 participantes, pertencentes à Universidade Estadual de Goiás - Câmpus Cora Coralina, da Cidade de Goiás, a partir de um teste, formulado com ocorrências extraídas de estímulos linguísticos, gravados por um sujeito de 24 anos, estudante universitário, do gênero masculino, que reside na Cidade de Goiás.

Para a gravação dos estímulos, um pequeno excerto foi lido e gravado, em ambiente acústico desprovido de ruídos, pelo voluntário supramencionado, que tinha consciência do objeto de interesse. Os dois

estímulos foram pensados estrategicamente, com o intuito de obter as avaliações dos juízes acerca da variável investigada:

- 1) Eu vejo *reportagem*, mas geralmente não no momento que passou a *reportagem*, eu vejo depois, na internet
- 2) Eu vejo *reportagi*, mas geralmente não no momento que passou a *reportagi*, eu vejo depois, na internet

Em um segundo momento, para obter os dados desta pesquisa, utilizamos um formulário elaborado na plataforma digital *Google Forms*, sendo necessário adaptarmos a metodologia desenvolvida por Lambert et al. (1960).

Utilizando esse roteiro, foram realizadas entrevistas com 12 informantes, estratificados com base no curso de graduação em questão, Letras ou Geografia, ambos de Licenciatura, e sexo, todos do quarto ano da graduação e com média de idade entre 18 e 25 anos, conforme demonstrado no quadro 1:

Quadro 1 - Descrição dos informantes

Curso de graduação	Número de informantes	Mulheres	Homens	Escolaridade
Geografia	6	3	3	4º ano da graduação
Letras	6	3	3	4º ano da graduação

Fonte: dados da autora.

A pesquisa, de caráter exploratório, orienta-se pelos conceitos teóricos da Sociolinguística (Labov, 1972, 2001) e de percepções e avaliações subjetivas em relação ao uso da língua (Cardoso, 2015). Optamos por uma abordagem quali-quantitativa, adequada para nosso propósito, conforme descrito por Lakatos; Marconi (2007). Procuramos nos apoiar em uma perspectiva de medição direta, objetivando respostas diretas como verdadeiro/falso, a fim de observar crenças sobre o uso da língua.

Logo, o formulário foi aplicado aos 12 jovens universitários do curso de

Letras e Geografia, que julgaram as variantes nasalizada e desnasalizada em cada um dos estímulos apresentados. Os participantes responderam o formulário com apenas duas possibilidades de julgamento: verdadeiro (V) e falso (F). Para cada um dos estímulos, os participantes deveriam avaliar os falantes em relação a seis características pessoais, divididas, basicamente, em três categorias: competência (inteligente); integridade pessoal (autoconfiante, sincero); e atratividade social (confiável, sociável, senso de humor), perfazendo seis perguntas, como demonstramos no quadro 2:

Quadro 2 - Questionamentos do formulário de crenças e atitudes

Questionamento	V	F
A pessoa que você ouviu é inteligente?		
A pessoa que você ouviu é autoconfiante?		
A pessoa que você ouviu é confiável?		
A pessoa que você ouviu é sincera?		
A pessoa que você ouviu é sociável?		
A pessoa que você ouviu é tem senso de humor?		

Fonte: dados da autora.

No formulário elaborado na plataforma Google Forms, o participante deveria clicar no áudio do primeiro estímulo, com as variantes nasalizadas e, em seguida, responder às questões do quadro 2, selecionando verdadeiro ou falso. Posteriormente, deveria realizar o mesmo procedimento, depois de ter ouvido o estímulo com variantes desnasalizadas.

ANÁLISE DOS DADOS

A reprodução dos estímulos e dos questionamentos foi realizada sempre na mesma ordem, em ambos os estímulos. Cada um deles foi gravado em .mp3 e disponibilizado juntamente com sua transcrição no *Google Forms*, como revelam as figuras 1 e 2:

Figura 1 – Estímulo 1 apresentado aos juízes

Estímulo 1

Eu vejo reportagem, mas geralmente não no momento que passou a reportagem, eu vejo depois, na internet

Fonte: dados da autora.

Figura 2 – Estímulo 2 apresentado aos juízes

Estímulo 2

Eu vejo reportagi, mas geralmente não no momento que passou a reportagi, eu vejo depois, na internet

Fonte: dados da autora.

As perguntas feitas acerca de cada um dos estímulos permitem capturar valores sociais associados a possíveis percepções acerca de prestígio e estigma de formas linguísticas, mas não somente isso, já que aludem a uma imagem social do falante que utiliza cada uma das formas.

Nesse sentido, os gráficos abaixo demonstram percepções relativas à hipótese de que estudantes de Licenciatura em Letras apresentariam uma percepção mais positiva em relação à fala, pelo fato de terem tido contato com uma perspectiva científica acerca da língua em uso, a Linguística, o que contribui para que tenham uma concepção menos dogmática. Por sua vez, os estudantes de Geografia revelariam atitudes menos positivas, visto que não foram apresentados, ao longo de sua formação acadêmica, a quaisquer abordagens teóricas sobre a língua em uso.

As respostas dos participantes em relação à pergunta “a pessoa que você ouviu é inteligente” revelaram uma percepção mais positiva no estímulo nasalizado da fala. Quando analisamos as respostas dos

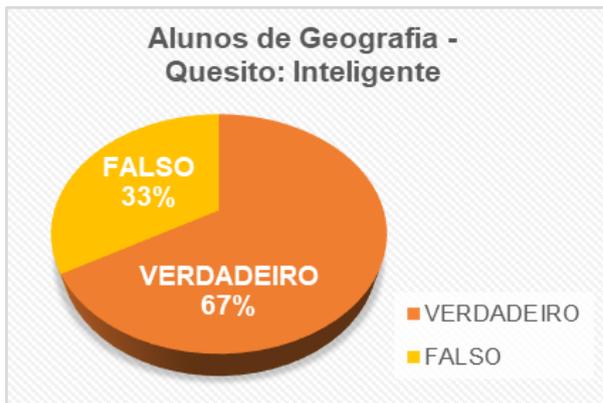
acadêmicos de Letras e Geografia, conforme o gráfico 01 e 02



Gráfico 1: Pergunta 1, Estímulo 1 - Letras

Fonte: dados da autora

Gráfico 2: Pergunta 1, Estímulo 1 – Geografia
Fonte: dados da autora



As respostas dos participantes revelam uma percepção mais positiva dos dois grupos na forma nasalizada, mas com uma avaliação ainda mais positiva dos estudantes de Letras.

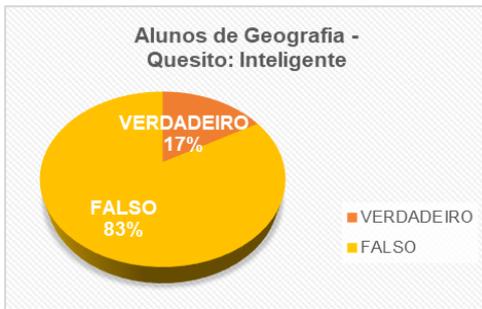
Analisando a forma desnasalizada, conforme os gráficos 3 e 4, constata-se uma avaliação negativa maior por parte dos acadêmicos de Geografia, o que corrobora, para esse quesito, a hipótese de que estudantes de Letras poderiam ser mais respeitosos e/ou tolerantes quando expostos à variação da língua.



Gráfico 3: Pergunta 1, Estímulo 2 - Letras

Fonte: dados da autora

Gráfico 4: Pergunta 1, Estímulo 2 - Geografia

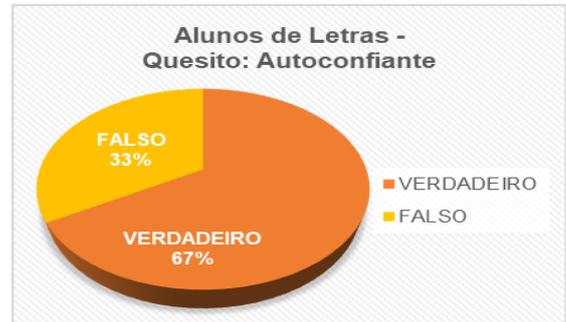


Fonte: dados da autora

Quando analisamos as respostas dos acadêmicos de Letras e Geografia “a pessoa que você ouviu é autoconfiante”, como exposto nos gráficos 05 e 06, podemos perceber que os estudantes de Letras atribuíram valores mais positivos para a forma nasalizada, com os mesmos percentuais de avaliação, o que demonstra que, para essa variante, a formação do juiz parece não interferir em sua avaliação linguística.

Entretanto, os alunos de Geografia tiveram uma percepção mais negativa, em ambos os casos. No estímulo desnasalizado, o percentual de 83% revela uma tendência à impossibilidade de que um falante, ao empregar uma variante desnasalizada, possa gozar de uma autoimagem positiva.

Gráfico 5: Pergunta 2, Estímulo 1 - Letras

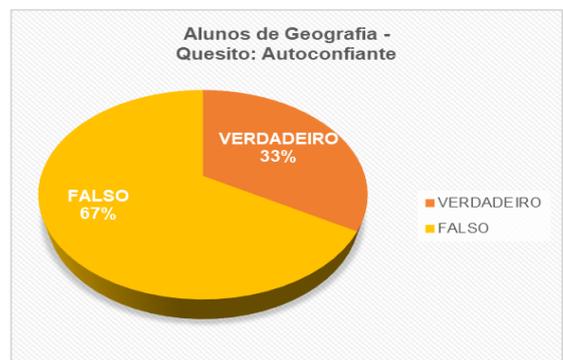


Fonte: dados da autora

Gráfico 6: Pergunta 2, Estímulo 1 - Geografia

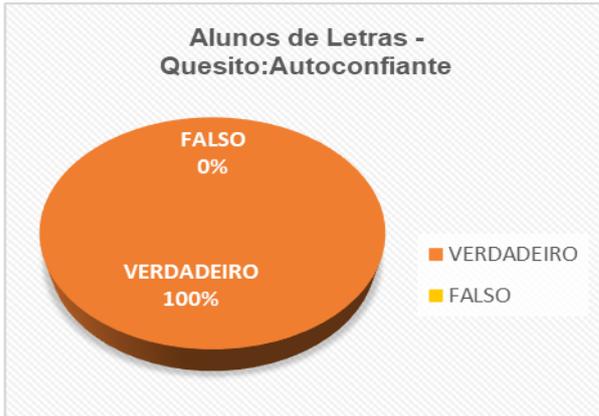
Fonte: dados da autora

Um dado que chama a atenção é o fato de os estudantes de Letras avaliarem de forma categoricamente, com o critério positivo, a variante desnasalizada, o que revela uma compreensão aguçada da



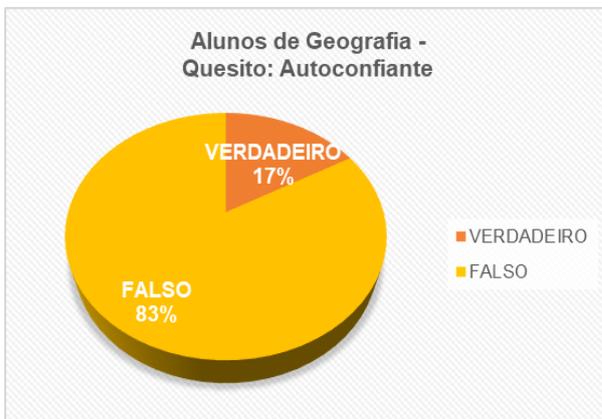
problemática do preconceito linguístico. Certamente, em suas avaliações, foram norteados pelas discussões, feitas em sala de aula, acerca da heterogeneidade sistemática da língua (Labov, 1972).

Gráfico 7: Pergunta 2, Estímulo 2 - Letras



Fonte: dados da autora

Gráfico 8: Pergunta 2, Estímulo 2 - Geografia

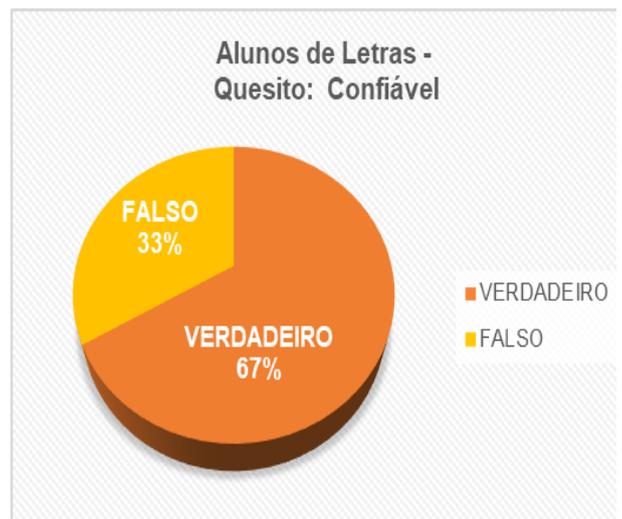


Fonte: dados da autora

A seguir, destacamos mais uma interrogação que faz parte do formulário: "a pessoa que você ouviu é confiável?", analisando as respostas dos acadêmicos de Letras e Geografia. Para o quesito “confiável”, constatamos que os estudantes de Geografia apresentam maior taxa de aprovação, o que revela maior apego à variante padrão que o outro grupo. No que tange à variante desnasalizada, nota-se uma

homogeneidade de avaliações em ambos os grupos, com os mesmos índices de avaliação. Esse índice pode revelar a resistência, mesmo por parte de pessoas introduzidas às teorias da língua em uso, em encontrar algum prestígio social em formas não padrão.

Gráfico 9: Pergunta 3, Estímulo 1 - Letras



Fonte: dados da autora

Gráfico 10: Pergunta 3, Estímulo 1 – Geografia

Fonte: dados da autora

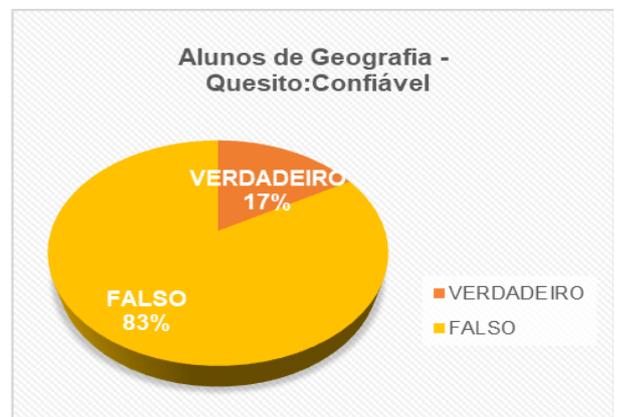


Gráfico 11: Pergunta 3, Estímulo 2 - Letras

Fonte: dados da autora

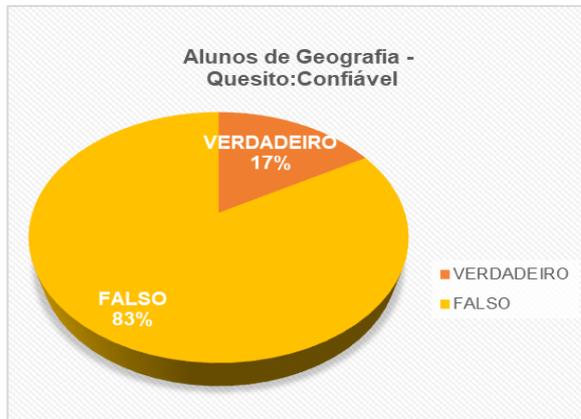
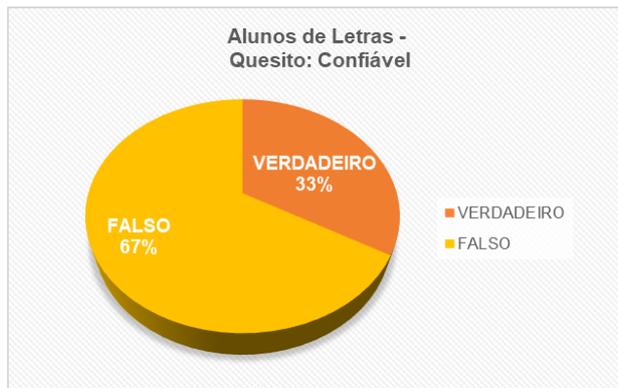


Gráfico 12: Pergunta 3, Estímulo 2 - Geografia

Fonte: dados da autora



Como demonstrado, os dois grupos avaliam a fala desnasalizada mais negativamente, por conseguinte contesta nossa hipótese inicial de que os alunos de licenciatura em Letras possuiriam percepção mais positiva aos estímulos. Apesar que nos outros estímulos podemos notar que realmente tiveram uma atitude

mais positiva do que os alunos da outra licenciatura.

Em seguida, analisamos o quesito sinceridade, “a pessoa que você ouviu é sincera?”, em que se nota uma inversão no que diz respeito a ambos os estímulos. Percebe-se que os dois grupos avaliaram o estímulo 1 nasalizado mais positivamente. Porém, enquanto 17% dos alunos de Letras o avaliaram como falso, 100% dos acadêmicos de Geografia o avaliam como verdadeiro. No segundo estímulo, 100% dos alunos de Letras julgam a forma nasalizada positivamente, ao passo que a turma de Geografia apresenta uma taxa de 17% acerca de uma possível falta de sinceridade.

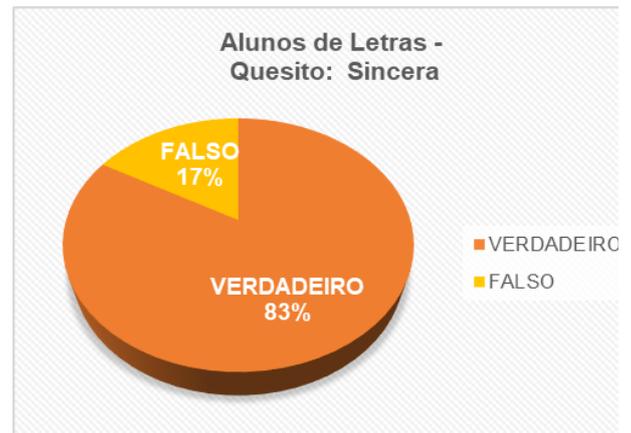


Gráfico 13: Pergunta 4, Estímulo 1 - Letras

Fonte: dados da autora

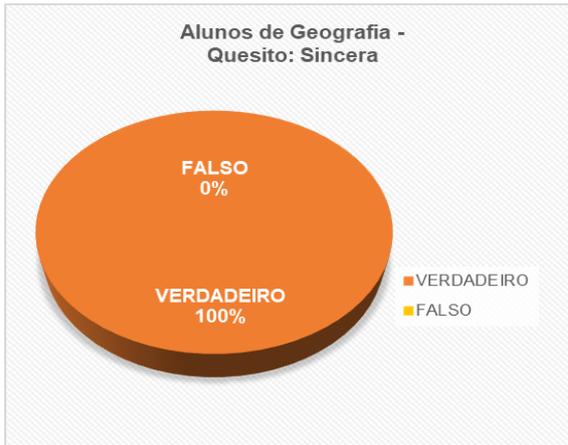


Gráfico 14: Pergunta 4, Estímulo 1 - Geografia

Fonte: dados da autora

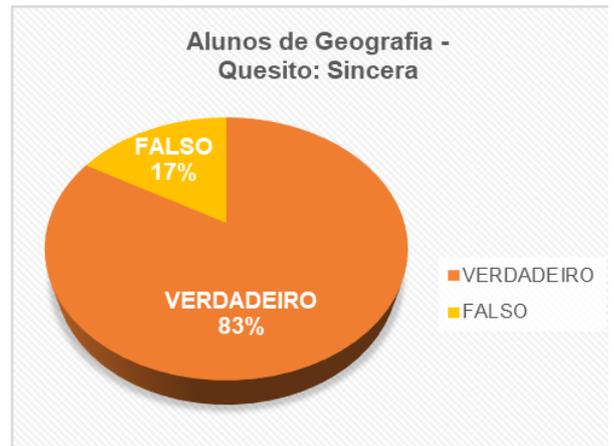


Gráfico 15: Pergunta 4, Estímulo 2 - Letras



Fonte: dados da autora

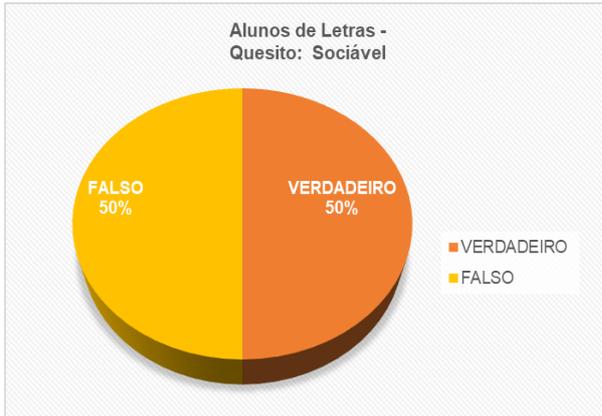
Gráfico 16: Pergunta 4, Estímulo 2 - Geografia

Fonte: dados da autora

Quando se analisa essa característica, portanto, os alunos de Letras também parecem menos conservadores que os de Geografia, pois avaliam mais positivamente a variante não padrão.

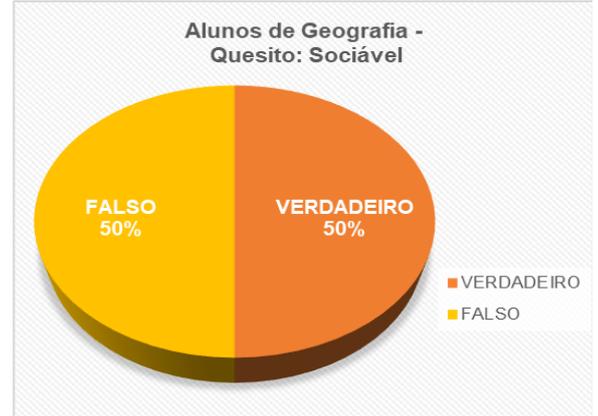
Os resultados sobre a pergunta “a pessoa que você ouviu é sociável?” se assemelham, uma vez que, no primeiro estímulo, Letras e Geografia não concordaram integralmente com *verdadeiro*. Logo, no segundo estímulo, Geografia concordou em 50% verdadeiro e, dessa forma, corrobora nossa questão, pois alunos de Letras revelaram ter maior aceitabilidade da variante desnasalizada.

Gráfico 17: Pergunta 5, Estímulo 1 - Letras



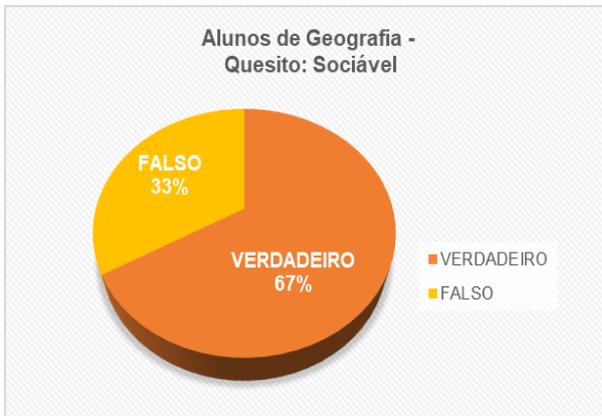
Fonte: dados da autora

Gráfico 20: Pergunta 5, Estímulo 1 - Geografia



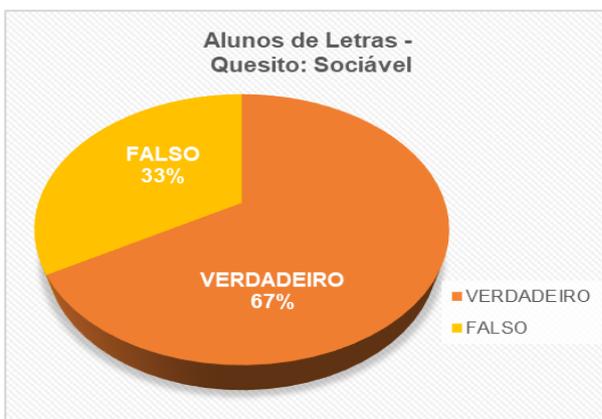
Fonte: dados da autora

Gráfico 18: Pergunta 5, Estímulo 1 - Geografia



Fonte: dados da autora

Gráfico 19: Pergunta 5, Estímulo 2 - Letras



Fonte: dados da autora

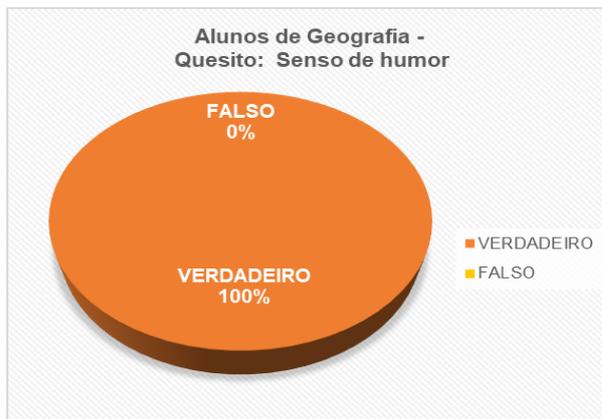
Por fim, notamos que, na última pergunta do formulário, “a pessoa que você ouviu é tem senso de humor?”, todos os alunos de ambos os cursos avaliaram o estímulo 1 positivamente, porém, no estímulo 2, houve uma diferença parcial, uma vez que a Geografia pareceu estar dividida, apresentando 50% para cada uma das possibilidades de julgamento. Novamente, estudantes de Letras reagiram de forma mais positiva acerca da variante em questão, uma vez que apenas 17% a julgaram negativamente, como demonstrado nos gráficos abaixo.

Gráfico 21: Pergunta 6, Estímulo 1 - Letras



Fonte: dados da autora

Gráfico 22: Pergunta 6, Estímulo 1 - Geografia



Fonte: dados da autora

Gráfico 23: Pergunta 6, Estímulo 2 - Letras

Fonte: dados da autora



Gráfico 24: Pergunta 6, Estímulo 2 – Geografia



Fonte: dados da autora

Constatamos, então, que a variante desnasalizada é avaliada de forma menos negativa quando associada a características como atratividade social (confiável, sociável, senso de humor) e integridade pessoal (autoconfiante, sincero), mas apresenta maior rechaço em quesitos relacionados à competência (inteligente). Tal resultado reforça estereótipos associados à variação e o intelecto do indivíduo, uma vez que, constantemente, o falante é tido como menos inteligente se utilizar uma forma não padrão e, sobretudo, estigmatizada.

Nessa perspectiva, podemos notar que a variante nasalizada foi a que alcançou maior aceitabilidade na maioria dos estímulos. Portanto, destacamos que a variante nasalizada, referente à categoria de integridade pessoal (autoconfiante, sincero), apresentou o maior índice de

avaliações positivas, em ambos os grupos de alunos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo procurou investigar a percepção sociolinguística acerca da desnasalização de ditongos nasais átonos finais em dois grupos de estudantes de Licenciatura. Buscamos observar o possível estigma associado à desnasalização por meio de testes acerca da avaliação social das variantes em estudo. Aventou-se, então, a hipótese de que a realização da fala nasalizada teria uma percepção mais positiva por parte dos estudantes de Letras do que dos de Geografia. Apesar de se tratar de uma amostra reduzida, considerando todos os quesitos destacados nesta pesquisa, constatamos que os estímulos com a fala desnasalizada foram parcialmente atribuídos a uma percepção mais negativa.

Retomando as questões iniciais da pesquisa proposta, os resultados revelaram que, quando considerados os quesitos *inteligente* e *autoconfiante*, a maioria dos alunos de Letras tiveram uma avaliação mais positiva no estímulo desnasalizado do que os alunos de Geografia. Dito isso, uma observação importante, que permite dizer que a hipótese inicial foi aceita, é a de que quando são feitas as perguntas “a pessoa que você ouviu é inteligente?” e “a pessoa que você ouviu é autoconfiante?” os

acadêmicos de Geografia avaliam a forma desnasalizada de forma mais negativa. Logo, entende-se que um falante pode ser considerado menos inteligente ou menos autoconfiante ao empregar uma variante desnasalizada. No entanto, quando questionados a respeito de a pessoa ouvida ser confiável, ambos os grupos tiveram uma percepção mais negativa na forma desnasalizada, contestando nossa hipótese inicial de que os alunos de licenciatura em Letras teriam percepção mais positiva aos estímulos desnasalizados.

Em seguida, analisamos a resposta no quesito sinceridade “a pessoa que você ouviu é sincera?” e os dois grupos avaliaram o estímulo 1 nasalizado mais positivamente, porém, no segundo estímulo, todos os alunos de Letras julgaram a forma desnasalizada positivamente, ao passo que a turma de Geografia apresenta uma taxa de 17% acerca de uma possível falta de sinceridade. Quando observamos os resultados sobre as perguntas “a pessoa que você ouviu é sociável?” no primeiro estímulo nasalizado Letras e Geografia não concordaram integralmente com verdadeiro e “a pessoa que você ouviu é tem senso de humor?” todos os alunos de ambos os cursos avaliaram positivamente. Porém, quando avaliado a forma desnasalizada, acerca dos quesitos *sociável* e *senso de humor*, constatamos que os alunos de Letras

poderiam ser mais tolerantes, pois revelaram ter maior aceitabilidade da variante nasalizada.

Concluímos, então, que a variante nasalizada alcançou maior aceitabilidade por Geografia, enquanto a forma desnasalizada foi avaliada de forma mais negativa. Nessa perspectiva, podemos observar que os alunos de Letras, apesar de terem avaliado a variante desnasalizada mais negativamente, tiveram uma atitude mais positiva do que os alunos da Geografia perante a forma inovadora, revelando uma compreensão maior do respeito linguístico.

Portanto, os dados obtidos permitem concluir que estudantes de cursos de Licenciatura são influenciados, em suas avaliações linguísticas, por sua formação

variacionista, mesmo que essa percepção ocorra de forma menos significativa, em termos percentuais, quando comparada ao grupo da Geografia.

Logo, esta pesquisa pode contribuir para um aprofundamento dos estudos de percepção sociolinguística. Embora, se trate de resultados obtidos por meio de uma pequena amostra, entendemos que os resultados obtidos possam contribuir para estudos futuros sobre as percepções associadas à desnasalização de ditongos finais átonos finais no Português Brasileiro. A partir disso, pretendemos contribuir também para o reconhecimento dos estudos sobre variedades linguísticas na formação docente.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAGNO, Marcos. *Preconceito linguístico: o que é, como se faz*. 38. ed. São Paulo: Loyola, 2005.

BATTISTI, Elisa. A redução dos ditongos nasais átonos. In: BISOL, Leda.; BRESCANCINI, Cláudia. (Org.). *Fonologia e Variação: recortes do português brasileiro*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002. P. 183-202.

BONA, C. D., SCHWINDT, L. C. O papel da frequência lexical na desnasalização do ditongo Final átono[ẽjĩ] em não verbos no português do sul do Brasil. *Cadernos do IL*, Porto Alegre, nº. 54, outubro de 2017. p. 27-46

BOPP DA SILVA, T. *A redução da nasalidade em ditongos de sílaba átona em final de vocábulo entre falantes bilíngues e monolíngues do Rio Grande do Sul*. Tese (Doutorado) — Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2005.

CARDOSO, D. P. *Atitudes linguísticas e avaliações subjetivas de alguns dialetos brasileiros* - São Paulo: Blucher, 2015.

CEZARIO, Maria Maura; VOTRE, Sebastião. Sociolinguística. In: MARTELOTTA, Mário Eduardo (Org.). *Manual da linguística*. 2. ed. São Paulo; Contexto, 2011. cap.2, p. 141-154.

ECKERT, P. Three waves of variation study: The emergence of meaning in the study of sociolinguistic variation. *Annual Review of Anthropology*, 41, p. 87-100, 2012

FERNÁNDEZ, M. F. Actitudes lingüísticas. In: FERNÁNDEZ, M. F. *Principios de Sociolingüística y Sociología del lenguaje*. 1º ed. Córcega: Editora Ariel S.A., 1998, p. 179-193.

FREITAG, Raquel Meister Ko. Uso, crença e atitudes na variação na primeira pessoa do plural no Português Brasileiro. *D.E.L.T.A.*, 32.4, 2016 (889-917).

LABOV, W. *Padrões sociolinguísticos*. Tradução: BAGNO, M.; SCHERRE, M. M. P.; CARDOSO, C. R. São Paulo, Parábola Editorial, 2008.

LABOV, William. *Language in the Inner City: Studies in the Black English vernacular*. Pennsylvania: University of Pennsylvania Press, 1972.

LAMBERT, W. E et al. Evaluational reactions to spoken languages. *Journal of Abnormal and Social Psychology*, vol. 60(1), 44–51, 1960.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. A. *Metodologia Científica*. 5.ed. São Paulo: Atlas, 2007.

SENE, M. F. Percepções Sociolinguísticas, Avaliações subjetivas e atitudes lingüísticas: três Domínios Complementares. São Paulo, *Todas as letras*, v.21, n. 1 p. 304-323, jan/abr. 2019.

TARALLO, F. *A pesquisa sociolinguística*. São Paulo: Editora Ática, 1997.